Saudação a Ary Bezerra Leite e Artur José Vieira Bruno, novos Sócios Efetivos do Instituto do Ceará

Juarez Leitão

Senhoras e Senhores:

Neste solene momento de recepção, exercendo a missão que me foi destinada de, em nome dos demais confrades, abrir as portas sagradas do Instituto do Ceará aos historiadores ARY LEITE e ARTUR BRUNO, cumpro com reverência e humildade o gesto franco e efusivo do abraço de boas vindas e a pública declaração de que a sua chegada nos é agradável, benfazeja e reconfortante.

Nesta noite repetimos a memória daquela primeira reunião, no distante ano de 1887, quando 12 homens de letras, verdadeiros Varões de Plutarco, preocupados com a preservação da História do Ceará, a proteção de sua Geografia e as perspectivas de realizar estudos de Antropologia e ciências correlatas, fundaram esta instituição.

O que levou Guilherme Studart, (o Barão de Studart), Antonio Augusto de Vasconcelos, Antonio Bezerra de Menezes, João Augusto Frota, Perdigão de Oliveira, Joaquim Catunda, José Sombra, Júlio César da Fonseca, Juvenal Galeno, Paulino Nogueira, Virgílio de Moraes e Virgílio Brígido a tão importante iniciativa certamente foi o mesmo interesse que animou os dois novos companheiros que, a partir de hoje, passarão a repartir conosco a mesa larga de nosso convívio e os objetivos altaneiros que nos movem em defesa do Ceará e dos estudos de sua História, Geografia e Antropologia.

O primeiro, ARY BEZERRA LEITE, é o historiador do cinema.

Mercê de seu entusiasmo pela sétima arte, tornou-se um especialista de grande envergadura em cinematografia, um nome de referência nesse

---

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará

segmento histórico e de abrangência nacional, consultado por quantos queiram conhecer o cinema, desde seus primórdios, e tudo o que foi exibido em nossas telas, com uma riqueza de detalhes e minudências tais que deixam saciado o mais esfomeado dos pesquisadores e os cinemeiros curiosos de todos os quilates.

Graduado e pós-graduado em Administração Pública, professor universitário, prestou assistência técnica na SUDENE, NUTEC, Secretarias de Administração, de Educação, de Cultura, Turismo e Desporto do Estado do Ceará, além de membro do Conselho de Cultura de nosso Estado.

Foi, ainda, instado a empregar seus conhecimentos técnicos em órgãos como a CODAGRO, Banco de Desenvolvimento do RGNorte, BANDECE e COELCE, assistindo a um verdadeiro arco de instituições governamentais e autarquias, numa demonstração patente de sua capacidade em administração pública. Um cearense que se capacitou cientificamente e se tornou útil ao desenvolvimento regional, com pragmatismo e responsabilidade.

Autor de um livro sobre a História da Energia no Ceará, produziu, principalmente, sobre cinema e fotografia, artes de sua predileção.

Suas obras de maior repercussão foram desse campo, publicadas sob os títulos de **"Fortaleza e a Era do Cinema", "A Tela Prateada", "Memória do Cinema: Os ambulantes no Brasil", "Cartografia do Audiovisual Cearense"** e **"História da Fotografia do Ceará no Século XIX".**

Mas antes de tudo isso houve o menino Ary, traquinas da rua Padre Mororó, vizinho de nomes ilustres da Fortaleza dos anos 40 e 50 do século passado, dos familiares de Quintino Cunha, da viúva de Eduardo Tomé de Saboia, aluno de uma de suas filhas, a professora Margarida Saboia de Carvalho, esposa do poeta Jáder e mãe de nosso confrade, o senador Cid Saboia de Carvalho.

Ary ainda testemunhou os últimos suspiros da singela Fortaleza remanescente da *Belle* èpoque, que, nos meados do século XX, praticava o exercício do convescote das cadeiras nas calçadas, o concurso de lapinhas nas vésperas do Natal, a coroação da rainha do rádio, o cumprimento cordial entre comadres e compadres, as noites de São João com fogueiras e aluás, o terço vespertino e a bênção matinal, lembranças que os meninos e adolescentes deste século, criados entre as vidraças dos *shoppings*, não usufruiram nem sabem o que é.

Mas o seu grande fascínio, o alvo irresistível de seu encanto juvenil, era a sala dos cinemas, começando pelo Majestic, pelo Cine Moderno e se alumbrando de verdade na "sessão da quatro" do Cine Diogo, aos domingos, ponto obrigatório dos "pixotes", todos, como ele, apaixonados pelas estonteantes Ester Willians, Maria Montez, Lana Turner, Rita Hayworth ("nunca houve uma mulher como Gilda"), Inglid Bergman, Bette Davis, Deborat Kerr, Ida Lappino, Jennifer Jones e tantas outras, povoadoras dos sonhos impossíveis dos garotos, naqueles tempos de férvidas quimeras e amores unilaterais.

Depois, tomado do entusiasmo inquiridor, foi buscar as origens e, como os salmões na piracema, remando contra as correntes, fez o retorno penoso às nascentes da memória e restaurou os primeiros vagidos do cinema no Ceará.

Reportou-nos as primeiras e precárias experiências das projeções luminosas, através das acanhadas exibições de bioscópios, fantascópios e animatógrafos.

E então nos contou a comovente história desse pioneiro, o italiano Vittorio di Maio, que depois de inaugurar o primeiro cinema no Rio de Janeiro, chegou ao Ceará, em 1907, para instalar o Cinema de Di Maio nos fundos da Maison Art-Nouveau. De repente partiu, ninguém sabe pra onde, retornando, muitos anos depois, envelhecido e doente. Pobre e desamparado, o idealista Victor di Maio um dia tombou fulminado por um ataque cardíaco numa calçada de seu antigo estabelecimento, terminando os seus dias na cidade que não reconheceu sua contribuição para o progresso e o vanguardismo de sua ação em favor de um dos símbolos dos tempos modernos.

São histórias como esta que ARY LEITE nos botou para ler em seus livros de acurada fidelidade histórica e magnífico sabor. Histórias de Fortaleza e de seus costumes, resultantes do amor que nutre pela terra natal e, especialmente, pelo cinema e pela fotografia.

São razões desta ordem, senhoras e senhores, que o trazem à Casa do Barão de Studart, para conosco repartir o interesse pela pesquisa histórica e reconstrução da memória do Ceará.

SEJA BEM VINDO, MESTRE ARY!

O outro, o professor de Geografia e historiador ARTUR VIEIRA BRUNO, é meu amigo antigo e grande companheiro de jornadas magisteriais e deambulações políticas.

Foi, em tempos que já lá vão, meu eleitor e, depois, meu substituto na Câmara Municipal de Fortaleza.

Muito mais vocacionado do que eu para a carreira política, pois não passei de um simples vereador, ARTUR BRUNO foi vereador, deputado estadual e deputado federal, além de várias vezes secretário de estado e candidato a vice-prefeito.

Entretanto, o que somos de verdade, por vocação, destino e decisão prazerosa é professor. Gostamos de dar aulas. E no espaço, talvez, mais difícil da categoria, a sala dos cursos pré-vestibulares, numerosa e irrequieta, repleta de pessoas que, tentando chegar à universidade, estão vivendo um estado de pressão que beira o insuportável, com os nervos à flor da pele e uma ebulição emocional sem nenhum parâmetro de normalidade. Para trabalhar com um público nesse estado de espírito é preciso, mais do que o conhecimento exigido, ter alma de artista, humor e sangue frio.

Hoje, o professor ARTUR BRUNO navega nas águas mansas das palestras bem remuneradas e, como Secretário do Meio Ambiente, na militância ecológica e proteção da natureza.

ARTUR JOSÉ VIEIRA BRUNO nasceu em Fortaleza, no dia 04 de agosto de 1959, às três horas da tarde, pelas mãos do obstetra Abelardo Gadelha, na Maternidade N.Sra de Fátima.

Único filho varão do casal Raimundo Bruno da Cunha e Zeneida Vieira Bruno, cresceu entre quatro irmãs.

Estudante do colégio Sete de Setembro, Colégio Cearense e Colégio Militar, andou frequentando a Faculdade de Direito, mas terminou, por necessidades de ofício, graduando-se em Pedagogia.

Líder precoce, participou da diretoria do Grêmio do Colégio Militar e, na adolescência, além de atleta da seleção cearense de Polo Aquático, coordenou grupos de jovens na Paróquia São Vicente de Paula.

Também organizava quadrilhas juninas e outros movimentos de mobilização juvenil para diversão e gincanas de solidariedade.

Casado com Natércia, pai de Mayara e Marina e avô fervoroso de Yago, o cidadão Artur Bruno construiu no Ceará um conceito de altruísmo, responsabilidade cívica e competência, sendo, por isso, um homem respeitado em todas as atividades e funções que o destino lhe deu.

Como pedagogo e historiador, publicou "Normas Básicas da Atividade Cultural", "Ideologias e Partidos Políticos" e outros ensaios, onde repartiu estudos com Humberto Cunha, Demétrio Andrade, José de Medeiros Neto e Anízio Santos de Melo.

Seu livro fundamental até aqui é "UMA BREVE HISTÓRIA DE FORTALEZA" (coautoria de Airton de Farias), não tão breve assim, porque tem quase 300 páginas de fundamentado conteúdo.

Nessa obra, que é dividida em 9 partes, encontra-se um estudo abalizado e de clara exposição sobre a Capital do Ceará, partindo das origens polêmicas da cidade e se aprofundando em sua evolução - vila, cidade, metrópole - com fatos,textos de época, abundante icnografia, esteio estatístico e vasta lista de obras consultadas. Um ensaio de indiscutível importância histórica.

Ainda jovem, o historiador ARTUR BRUNO terá tempo para muitas outras publicações e estudos demorados sobre o Ceará que, na marcha dinâmica da história, há de precisar renovar sempre seu elenco de pesquisadores, geração após geração, para que o fio do tempo se mantenha intacto e se estire permanentemente.

Aqui, no Instituto do Ceará, a mais antiga entidade cultural de nosso estado, amparado pelo estímulo e cercado por pessoas que tem na alma as mesmas sementes da indagação, ARTUR BRUNO vai animar cada vez mais sua vocação de historiador.

O lugar é propício para essas atividades do saber:

Nestes velhos móveis, envernizados pelos óleos do tempo, se sentaram os patronos das ruas de Fortaleza, expoentes da sabedoria antiga, e neles se apoiaram para produzir obras que hoje alimentam as nossas pesquisas.

Das paredes, nas molduras que pendem ao longo dos corredores deste velho prédio, os que vieram antes de nós e militaram em nosso ofício, olham-nos com austeridade, como se estivessem nos cobrando continuar a tarefa de registrar e analisar as ações e atitudes humanas, decorridas no áspero chão cearense.

E talvez, dali mesmo estejam nos recomendando a amarrá-las às relações de causa e efeito e aos fatores de tempo e lugar, com um olho no passado e outro no presente - como convém aos que trabalham a História de maneira séria e com responsabilidade.

- ARTUR BRUNO, escritor e homem público, meu amigo e companheiro de longa navegação, honro-me em ser neste momento porta-voz das palavras de boas vindas dos que compõem o Instituto do Ceará.

E, como dizia o romance de Alencar, em momento de semelhante cordialidade e benquerença, **"seja bem vindo à cabana de Araquém, pai de Iracema!"**

Então, ARY LEITE e ARTUR BRUNO, entrem sem sombrosso e venham manducar conosco o pão e o vinho desta importante e esplêndida parceria cultural e celebração de eterna amizade.

A NOSSA CASA AGORA É TAMBÉM A VOSSA CASA!

Muito Obrigado!